

Dalila Teles Veras

retratos  
falhados

  
escrituras

  
caleção  
Ponte Velha



Dalila (Isabel Agrela) Teles Veras, natural do Funchal, Ilha da Madeira, Portugal, (1946), Vive no Brasil desde 1957.

Autora de diversos livros, nos gêneros poesia, crônica e "Minudências", um diário literário do ano de 1999. Colabora regularmente (crônicas, ensaios e textos literários) em jornais e revistas do Brasil e exterior.

É filiada à União Brasileira de Escritores, SP, entidade em que ocupou os cargos de secretária geral, diretora e membro do Conselho, nas gestões de 1986/88, 1990/92 e 1994/96.

Vice-Presidente do Instituto de Estudos Fernando Pessoa, em São Paulo.

Co-fundadora do Grupo Livrespaço de Poesia (1983-1994) de intensa atuação na divulgação da poesia e co-editora da revista literária Livrespaço, ganhadora do Prêmio APCA - Associação

Paulista de Críticos de Arte, como melhor realização cultural de 1993. Animadora cultural, há décadas colabora na organização de cursos, seminários e congressos. É frequentemente convidada a proferir palestras e participar de debates em faculdades e instituições culturais, bem como a assessorar e criar projetos literários, como ciclos de debates, exposições e mesas redondas. Desde 1992, é diretora-proprietária da Alpharrabio Livraria e Editora, em Santo André, SP, referência cultural na região do Grande ABC, onde promove constante atividade voltada para a difusão da cultura, das artes e do debate de idéias. Dirige igualmente a Alpharrabio Edições, cujo catálogo já se aproxima de uma centena de títulos. Foi aditora da revista de debates "Em Movimento" e do jornal literário "Abecês", ambos ligados à Alpharrabio e desde agosto de 2006, assina o blog <http://blog.alpharrabio.com.br/>, "um caderno de registros, apropriações, inquietudes, intervenções" que reflete a "atmosfera" cultural do Centro Cultural Alpharrabio e seu entorno. Em 2000, foi agraciada pela revista "Livre Mercado" com o Prêmio Desempenho de Empreendedora Cultural. Em 2004, a Câmara Municipal de Santo André outorgou-lhe o título de Cidadã Honorária.

ISBN 978-85-7531-307-7



9 788575 313077



Esta é uma ponte levadiça  
que atravessa o sonho de  
Brasil e Portugal, países  
irmãos, dentro de um outro  
sonho acalentado pelos  
coordenadores desta  
coleção que, por meio  
da Escrituras, se consolida.



Para o Soares Feitosa,  
estes "retratos"  
com o abraço e cumprimento  
na poesia

D. Silva

retratos  
falhados

Copyright do texto © 2008 Dalila Isabel Agrela Teles Veras  
Copyright das ilustrações © 2008 Constança Maria Lima de Almeida Lucas  
Copyright da edição © 2008 Escrituras Editora

Todos os direitos desta edição cedidos

**Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda.**

Rua Maestro Callia, 123 – Vila Mariana – 04012-100 São Paulo, SP

Telefax: (11) 5082-4190 – <http://www.escrituras.com.br>

e-mail: [escrituras@escrituras.com.br](mailto:escrituras@escrituras.com.br)

**Criadores da Coleção Ponte Velha**

Antônio Osório (Portugal) e Carlos Nejar (Brasil)

**Organização da Coleção & entrevista** Floriano Martins

**Editor** Raimundo Gadelha

**Coordenação editorial e gráfica** Fernando Borsetti

**Capa** Paula Casarini

**Projeto gráfico e Diagramação** Renan Glaser

**Desenhos da capa & miolo** Constança Lucas

**Revisão do texto** Renata Assumpção

**Impressão** Bartira Gráfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Veras, Dalila Teles  
Retratos falhados / Dalila Teles Veras ;  
organização Floriano Martins ; artista  
convidada Constança Lucas. -- São Paulo :  
Escrituras Editora, 2008.

ISBN 978-85-7531-307-7

I. Poesia portuguesa I. Martins, Floriano.  
II. Lucas, Constança. III. Título.

08-09470

CDD-869.1

---

Índice para catálogo sistemático:  
I. Poesia : Literatura portuguesa 869.1

Impresso no Brasil  
Printed in Brazil

Dalila Teles Veras

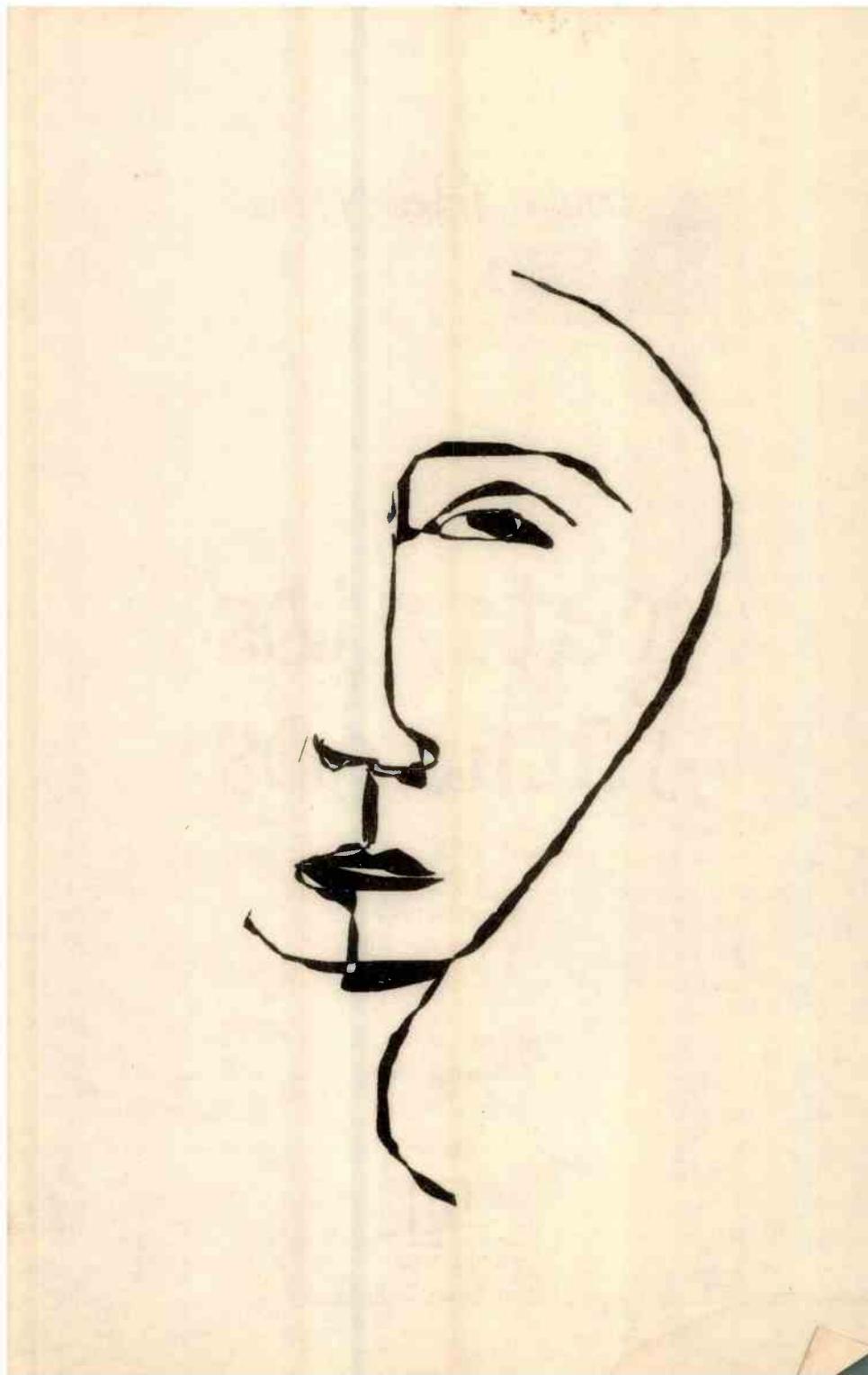
# retratos falhados

Entrevista por  
Florianio Martins

Artista convidada  
Constança Lucas



São Paulo, 2008



# Sumário

Dalila Teles Veras: ao calor das descobertas. Diálogo com Floriano Martins .....	9
<b>retratos falhados .....</b>	<b>15</b>
urbanos	
becos .....	17
pontes .....	18
calçadas .....	19
trilhos .....	20
cinemas .....	21
cafés .....	22
bancos .....	23
da saúde	
ressonância magnética .....	25
sala de espera um .....	26
sala de espera dois .....	27
sala de espera três .....	28
sala de espera quatro .....	29
sala de fisioterapia .....	30
das personagens	
menina .....	32
vizinha .....	33
as faxineiras do edifício .....	34
meu pai .....	35
amigos .....	36
bebês (poemeto <i>ready-made</i> ) .....	37

da livraria	
espólio	40
becket	41
o crime	42
restos mortais	43
exílio	44
bunker	45
caverna	46

## Espelhos ..... 47

Espelho provisório	48
Meu pai, no ocaso	49
Hotel	50
14º andar	51
Um quadro de Hopper	52
Vôo negado	53
Retratos	54

## Vestígios ..... 55

A rotina da perda	
Terapia intensiva	59
Rito de passagem	60
Dever cumprido	61
Desvio	62
A dor de ver em dor	63
Assepsia	64
Similia similibus curentur	65
Solidões	66

Um corpo não mais	
Vestígios	68
A morte e a morte	69
Memória	70
Das mortes	71

Da alma em desalinho	
Saudade	73
Desamparo	74
Dia de Finados I	75
Dia de Finados II	76
Dúvida	77
Luto	78
Desobriga	79
Legado	80
Antecipação	81

## Solilóquios ..... 83

Palavra e mistério	85
O colecionador	86
Solilóquios	87
No jardim	88
Madrugada	89
O silêncio dos espelhos	90
Do amor e seus silêncios	91
Ausência	92
No sebo	93
No museu	94
Neogênese interior	95
Pergunta indecisa à minha mãe	96

<b>Pecados</b>	.....	97
Inveja		
Da insaciável cobiça	.....	100
Preguiça		
Adiamento	.....	102
Luxúria		
Pensamentos luxuriosos	.....	104
Gula		
Apetites	.....	106
Avareza		
Miséria cultivada	.....	108
Ira		
Dias de ira	.....	110
Soberba		
Vanglória	.....	112
<b>Obras publicadas</b>	.....	115
<b>Nota Editorial</b>	.....	119

**DALILA TELES VERAS:**

## Ao Calor Da Descoberta

**Diálogo com Floriano Martins**

**FM** Começemos falando da ponte existente entre o nascimento em Funchal e a residência brasileira em São Paulo. De que maneira as variações nessa paisagem cultural – do insular ao continental – foram aguçando os sentidos da poeta?

**DTV** Ninguém cruza a linha do Equador impunemente. Atada à cinta, a carga atávica, heranças avós das quais dificilmente nos desvencilhamos. Ante a impossibilidade do retorno é preciso render-se e assimilar a cor circunstancial e, do sal recolhido na travessia, temperar esse novo viver. Para além do Bojador, a dualidade se faz presente, o sentido agudo de ser estrangeiro. Não são mais os mares que começam, mas terras que nunca se acabam. As raízes, veias abertas, passam a receber influências novas, convívios outros, determinando nova visão de mundo e, claro está, que isso irá refletir lá adiante nos sentidos da poeta.

**FM** O convívio com duas tradições líricas sensivelmente distintas, como o são a portuguesa e a brasileira, imagino também deve ter sido um aspecto bastante enriquecedor em tua formação. Paralelo ao enriquecimento como convívias com a percepção do abismo que separa ambas as tradições?

**DTV** No Brasil, aportada ainda menina e tendo aqui completado minha escolaridade, talvez a primeira percepção tenha sido a de que, em tese, a língua era (quase) a mesma, mas a práxis cultural não.

Cresci ouvindo minha bisavó materna recitando Bocage e Camões, e minha mãe valendo-se das trovas populares para celebrar todas as ocasiões. Bebi de todas as tradições, portuguesas e brasileiras, desde o lírico Augusto Gil e sua *balada da neve*, que aos 9, 10 anos, declamava com paixão nas festas escolares no Funchal e, já no Brasil, os românticos brasileiros, como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Castro Alves, que li com devoção na adolescência. Os portugueses modernos descobri por minha conta e

risco, já em terras brasileiras. Pessoa em primeiro, um mergulho do qual necessitei muito tempo para emergir e, enfim, poder nadar por outras águas.

Na minha memória de leituras não há uma percepção desse possível abismo entre as duas literaturas, antes, uma fusão, como foi a vida, amalgamada pelo sincretismo cultural. Isso se refletiu, inclusive, num aspecto conceitual no que concerne à minha “nacionalidade literária”. Quando da minha opção pela palavra como ofício, enfrentei outro dilema: não era possível ser uma escritora portuguesa escrevendo como brasileira. Apazigüei-me, considerando-me uma escritora brasileira que nasceu em Portugal. A língua como a pátria possível.

**FM** No diálogo com essas duas tradições, há algumas particularidades que tenham alcançado uma mais alta voltagem em termos de afinidades estéticas? Não me refiro exatamente a autores, mas sim a aspectos de linguagem. E também quero que te sintas livre para aqui mencionar outros focos apaixonantes e mesmo influentes, não somente em termos de ambientação Brasil-Portugal e menos ainda exclusivamente literários.

**DTV** Em termos de afinidades estéticas, a pintura talvez tenha sido a que primeiro se estabeleceu, como até hoje tem sido. Ao tempo que lia os românticos, encantava-me com os impressionistas. Queria, àquela época, atingir uma escrita diáfana, uma realidade “borrada” como nos jardins de Monet, mas a tentativa poética não passou de um “borrão” mesmo. A minha poesia muito tem dialogado com a pintura, em especial com a de Constança Lucas, Hugo Gallet, Ricardo Amadasi, André Miranda, Mariano do Amaral Neto, Sian, Perkins T. Moreira, pintores/escultores, meus contemporâneos, que admiro e com os quais já realizei trabalhos conjuntos.

Quando de minha tomada de consciência estética, vi-me diante do impasse em que se meteu toda a poesia depois dos anos 50 no Brasil: filiar-me a grupos com (ainda) severas imposições canônicas, nas quais a poesia deve cumprir um papel formal exacerbado, os chamados poetas-críticos, o que, absolutamente, nunca foi minha vocação, ou buscar uma voz que encontrasse o equilíbrio entre a pesquisa formal e a emoção como sua dimensão humana.

Todas as escolas fizeram de mim uma poeta sem escola nem geração, mesmo porque penso que a segunda metade do século XX não formou gerações literárias, mas vozes, em muitos casos, dissonantes, que retiraram da tradição, do modernismo e das vanguardas apenas

aquilo que mais lhes interessou.

Acredito, entretanto, que essa aparente insubordinação de não pertencer a “escolas” não exclui o fato de se estar ligada, em termos de linguagem, a uma determinada “corrente literária” que, a meu ver, estaria representada por uma certa marca ou parentesco planetário.

Nestes 25 anos de exercício poético, sem deixar de experimentar outras possibilidades de dicção e linguagem, venho perseguindo o caminho da concisão, a busca da densidade de significados em versos cada vez mais econômicos.

**FM** Transcendência singular e evocações de intenso caráter de consagração convivem, em tua poesia, com uma leitura cosmopolita de aspectos memoriais e visão crítica. Há um interlocutor almejado por um plano estético? Com quem buscas dialogar?

**DTV** Desde os meus 11 anos de idade que vivo em uma metrópole. Sou, portanto, um ser urbano, com pouca possibilidade de refletir a natureza que não tenha sido transformada pelo homem. Tento, de dentro do olho desse furacão, refletir essa realidade complexa que é a da cidade moderna e as minúcias do seu cotidiano, onde velocidades incompatíveis com a natureza humana não mais permitem o direito ao silêncio, ao ócio ou à própria reflexão. Não tenho propriamente uma intenção em transcender essa realidade, mas transformá-la em outra realidade, espelho do espelho, o que não exclui uma dose memorial, recriada, já que não há verdade nas memórias, ainda que também acredite que o esquecimento pode ser repositário delas, caixa de Pandora, à espera que alguém a destampe.

**FM** Estatísticas irrefutáveis alertam para um quadro perigosamente agravado ao longo do tempo, que é o índice de leitura *per capita* do brasileiro. Evidente que não se pode esquecer que aí também se revela uma condição intelectual do país, ou seja, também nossos intelectuais lêem abaixo do sustentável. Entenda-se, ao menos teoricamente, por condição intelectual aquela que abriga tanto o universo literário (autores e críticos, por exemplo), como clero, imprensa, academia e casta política. O resultado dessa cadeia viciosa é uma espiral cuja expansão se dá sempre em sentido degenerativo. Como se pode romper com isto?

**DTV** A escola precisa voltar a priorizar a leitura e estimular a pesquisa e o pensar, única maneira de formar cidadãos que possam

fazer escolhas. O ensino optou por “instrumentalizar” o cidadão para o mercado, deixando de lado a cultura humanística, única capaz de transformar, de preparar cidadãos para o discernimento. Como disse Edgar Morin, “o conhecimento racional, empírico e técnico deve conviver com o simbólico, o mítico e o poético”. A pessoa que lê não re-produz, mas pensa e cria, toma decisões. Vive-se na era do simulacro e do fragmento, em que a lei do mais “fácil” impera. O conhecimento, que advém da leitura, requer esforço, dá trabalho. Será preciso uma verdadeira brigada pró-leitura, diante da concorrência e da facilidade enganosa que o advento da Internet incutiu nos mais jovens, a ponto de se achar que livro é coisa do passado, que a Internet é o melhor meio de “estudo” e que basta clicar no “Google” para encontrar, imprimir e entregar, prontinho, ao professor, qualquer pesquisa, sobre qualquer assunto, sem a necessidade de nem mesmo ler o que se imprimiu. A leitura não poderá ficar de fora dos grandes debates atuais. É uma questão irrenunciável que deverá obrigatoriamente se transformar em uma estratégia para uma revolução que deve passar pelo intelecto e pela vontade política.

**FM** Tua integração ao ambiente da produção cultural em São Paulo possui uma conotação talvez ainda não corretamente avaliada, desde as atividades em torno do grupo Livrespaço até a criação deste espaço nobre de produção e difusão literária que é a Livraria e Editora Alpharrabio. Qual a tua percepção deste caso incomum entre brasileiros, de alguém que é essencialmente escritor e se desdobra em uma aventura de abrir condições editoriais e de circulação para seus pares e gerações mais jovens?

**DTV** De fato, são poucos os que se dedicam à “disseminação” e ao debate da cultura e esses estão divididos em duas categorias: aqueles ligados à chamada cultura do espetáculo, que dependem de patrocínios e da lógica do mercado para circular. Além disso, e por isso mesmo, encontram facilidades com leis de incentivo, patrocínios, etc.; a segunda categoria, se é que se pode chamar assim, é a dos abnegados, que, por vocação pessoal ou por uma lei não identificada, dedicam-se às causas da cultura e da arte, quixotes urbanos, numa sociedade que pouco está se importando para o que não represente entretenimento, moda ou lazer. Sempre tive a convicção de que todo escritor deveria ir além do papel, ou seja, exercer também “outros papéis”, entre eles o da solidariedade entre seus pares e, sobretudo, a contribuição para a promoção da leitura. Essa foi uma das preocupações

do grupo Livrespaço, contribuir para a formação de leitores de todas as maneiras possíveis. Sou uma editora de circunstâncias. Jamais obtive qualquer resultado financeiro com aquilo que publiquei. Publico por um desejo que chamo de utopia da página impressa. Jamais fui movida a metas, como mandam as leis empresariais, mas a inquietações e, no caso da edição, publico aquilo que me seduz, que acredito tenha possibilidades de permanecer como literatura e também, em alguns casos, pelo prazer de ver um escritor em seu momento de nascimento para, depois, como já aconteceu, vê-lo trilhar caminhos que sejam reconhecidos.

**FM** O convívio com a prosa (crônicas, diário, crítica esparsa), de que maneira interfere em tua poesia?

**DTV** A transversalidade cultural, as identificações no lugar da identidade, talvez seja a marca do nosso tempo. O diário continua sendo uma prática, tentativa de aprisionar os dias. Dele e de todos os outros textos, por vezes me acontece identificar uma frase como verso e que acaba se transformando em cerne de um poema. Como também me acontece ao contrário, de um verso, construir uma crônica.

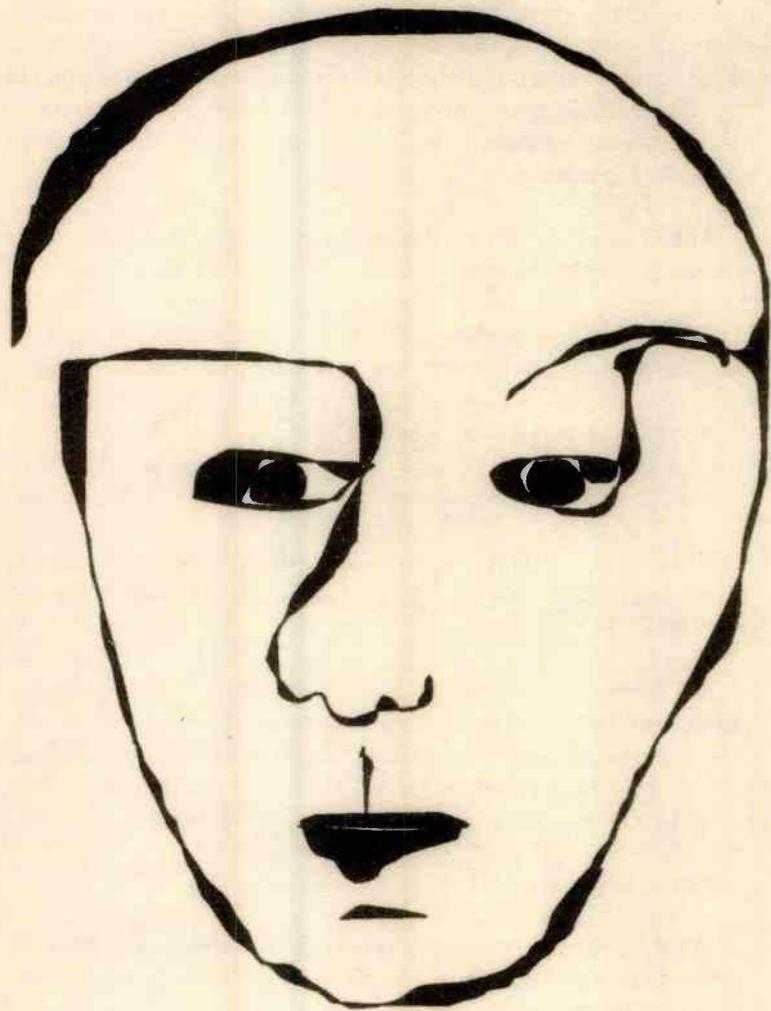
**FM** Dos livros todos reunidos em *À Janela dos Dias* até a presente edição, podemos falar em saltos, abismos, conseqüências ou alguma outra avaliação mais pertinente?

**DTV** Acredito que não haja nenhum salto, mas talvez a confirmação de certa “dicção” que ali já estava presente, assim como também uma retomada do poema em prosa, onde resvalo pelo discursivo, mas que, assim como em *A Palavraparte*, que é de 1996, impôs-se como condição da proposta temática, neste caso, os “retratos”.

**FM** Esquecemos algo?

**DTV** Sempre haveria algo a dizer, mas também o calar pode vir carregado de significados que poderão ser descobertos, assim espero, pelo leitor dos poemas.

[Fortaleza/Santo André, abril de 2008.]



retratos  
falhados

urbanos

## becos

quem tem caminho reto não se mete em vereda, aconselhava-me a mãe, o medo do sobressalto a escorrer do afeto, sem saber que as descobertas se revelam apenas no entrecruzar do caminho e a conquista à saída do labirinto

os becos e seus inocentes nomes de santos não atendem à demanda de mercado, insignificantes artérias esquecidas, deixam que a cidade cresça ao seu redor e ficam ali, pulsantes e vingados, tênues sopros de resistência e muda contestação, negação ao gigantismo, sedução para o não cumprimento do conselho

## pontes

viaduto por cima de viaduto, pontes entre pontos, teia de concreto a conduzir progresso e abrigar misérias. idas e vindas, permutas e velocidade a esconder a escória. por cima o automóvel e o céu (*ouro a fulgir*), por baixo a cidade, o homem e o seu inferno (*cheiro de enxofre e urina*) tempo antevisto, passantes de rastros, vermes rejeitados, condenados ao chão da selva escura, na eterna dúvida em ser homem ou sombra, mas sem um só poeta como guia. da pinguela à passarela, da ponte ao viaduto, do propósito da passagem à condição de estar por baixo, o homem, excluído dos outros homens, o homem e seus próprios excrementos, o homem, via única de incomunicabilidade e danação

## calçadas

caçambas, postes, lixeiras, degraus, buracos, correntes, camelôs, dejetos de cães e gatos: perigos a superar. passeio que não leva a nenhum passeio e interrompe-se em rampas para a rodagem de pneus. passeio que alguém um dia entendeu canteiro (ânsias de beleza?) e ali plantou palmeiras e arbustos miúdos, segunda natureza a impedir a passagem. a metrópole reservou ao homem a estreiteza das calçadas, tortuosas passagens, rejeição ao caminhar

## trilhos

os trilhos agregadores convocavam com seu apito os cidadãos ao trabalho e ao descanso. isso foi antes, quando cidades eram formadas ao seu redor e os homens distinguiam-se do gado, viajavam sentados a contemplar a paisagem. não haviam aprendido o sentido da pressa. um dia, antevendo outros verdes, o trem desapareceu e a cidade foi entregue ao automóvel e à vertigem da velocidade. renderam-se todos, asfálticos, à voracidade dos lucros, fibras óticas, pedágios e multas – a vida vigiada e punida. descarrilam os tempos e as vontades. o bonde da história corre em outros trilhos

## cinemas

cheiros de banhos recentes e passos de ritos antigos compõem a fila de expectativas. não se está ali simplesmente para passar o tempo, mas preenchê-lo com recheio além do trivial. uma certa irmandade circunda a espera, clima de ritual a cumprir, incluindo o café expresso. após o silêncio da sala escura, a necessidade do outro silêncio a rejeitar sentenças e exigir reflexão. as imagens, não mais nas pupilas, mas apalpadas na memória, mastigadas pelos dentes do prazer estético. depois de ver, revler

## cafés

não se bebe café nos cafés. cocacola, sucodelaranja, esfihadequeijo, empadinhadepalmito, pasteldecarne, sanduichedemortadela: cardápio alheio e extenso contempla fomes apressadas e paladares pouco exigentes. muito açúcar, fraco ou frio, pouco sabe o café a café. em pé, o café dos cafés sabe a pressa e agonia, cafeína apenas para reforçar a vigília e acelerar o ritmo

## bancos

a despeito de todas as precauções em depositar no lugar apropriado tudo aquilo que lhe pareceu suspeito (óculos, celular, chaves), o autoritário equipamento detector de metais dispara. a cidadã é barrada à entrada do recinto destinado aos deuses protetores dos juros e dos índices bovespa e dow jones. espoliada de sua dignidade, a humilhada ré descobre que um prosaico batom esquecido na bolsa fora o causador do suposto atentado. finalmente liberada, resta ainda enfrentar os olhares em fila, irados pela demora e que, ato contínuo, despem-se de seus pertences, rumo à esperança da própria liberação

da saúde

## ressonância magnética

*para Bandeira, em versão tecno*

imobilidade, dor, insônia, mau-humor  
ano após ano debruçada sobre livros, máquinas de escrever,  
computadores  
a palavra a substituir esteiras, bicicletas, alteres, caminhadas –  
músculos abandonados  
a vida que poderia ter sido e que de fato foi  
dor, dor, dor

foi ao médico:

*pelas imagens adquiridas pela técnica de fast spin-echo, as  
sequências em T1 e T2 nos planos sagital e axial com anestesia,  
mostram que a sua coluna cervical apresenta:  
Lordose Proliferação osteofitária marginal Degeneração dos discos  
intervertebrais Abaulamento posterior dos Discos C3/C4 e C5/C6  
com compressão sobre a face ventral do saco dural Redução dos  
diâmetros do canal vertebral Hipertrofia capsular da articulação  
acrômio-clavicular Tendinopatia do supraespinhoso Bursite*

.....

- então, doutor, é possível tentar um transplante?
- nem pensar
- mas, doutor, eu sequer tenho ouvido musical!

## sala de espera um

a voz metálica da recepcionista recita nomes, sem variações na entonação. displicente, a bunda enorme da moça do banco da frente roça as coxas vizinhas. recolhidos do burburinho reinante, picantes segredos de alcova e detalhes de mazelas corporais. a proximidade física, a igualdade na espera e a dor compartilhada irmanam e justificam o despudor das intimidades reveladas. o espírito da ágora ali consumado, ainda que através de vicissitudes

## sala de espera dois

na câmara de algarvias, crianças em febres choramingam, velhos de pernas e braços enferrujados resmungam, moços com males invisíveis fixam olhares no vazio. pouco a pouco, a pequena multidão vai se dissipando, distribuída por salas exíguas, onde médicos apressados rabiscam pedidos de exames, sem notar olhos que pedem olhos. receitas de pílulas e unguentos, apressadamente rabiscadas, substituem palavras de conforto. almas e corpos aflitos não encontram espaço para queixas. a leitura do laudo em detrimento da leitura do corpo. diagnóstico mecanizado. quando um médico, apenas um, deixa os exames de lado, toca e escuta o paciente, fica estabelecido o paradoxo. a multidão à espera protesta, já esquecida dos próprios dramas. a cidade tem pressa, pressa... a falta de saúde à espera da saúde, mais uma vez, disposta a esperar

## sala de espera três

nove horas de domingo. ignorando as manobras, aposentados jogam truco à porta do estacionamento. metade da cidade ainda dorme. as pálpebras pintadas de azul da atendente tremem ligeiramente e não encontram o dossiê de internação (ninguém deveria adoecer em fim-de-semana, pensa o paciente, tentando manter a calma). a tv transmite a semifinal do campeonato mundial de vôlei, brasil x kasaquistão. no vídeo, a platéia verdeamarelo delira. o dia já a meio e o enfermeiro, sem qualquer sinal de nacionalismo, no seu branco suspeito, surge à porta da sala de cirurgia e, em alto e bom som, reclama que está sozinho e não dá conta do muito trabalho. a exemplo dos aposentados que jogam cartas do lado de fora, o doente, do lado de dentro, resignado, também entrega-se à sorte

## sala de espera quatro

mãe recente, bebê ao colo, para a mãe em vias de:

*- cresce cinco milímetros por dia, engorda trezentos gramas ao mês, emagrece depois de nascido, mas recupera o peso após o primeiro mês de vida. engordei quinze quilos. um horror! dura espera. dói, mas passa...*

a vida-matemática, certa e fatalista

## sala de fisioterapia

em voz alta, tricotam (duas laçadas, um ponto em falso, uma laçada, pula um)

maridos (morto há quatro anos, mas viúva há vinte e quatro. 20 anos sem relações. quartos separados. cheirava a pinga, mas era trabalhador e não me batia. aguentei. agora, liberdade. fazer o que quiser à hora que bem entender. só preciso melhorar das pernas para ir mais longe...)

casas, filhos (coitada! uma vida inteira costurando, sustentando filhos e marido, para acabar assim...)

compaixão (melhorou? não desanime...)

confissões (gosto daqui. além da cura para os ossos, há a cura do espírito, sessão de psicanálise)

camuflada, a doença da alma atravessa a manhã à busca de interlocutores. vidas amalgamadas no colorido das lãs

das personagens

## menina

com sua caixa de papelão ordinário a menina atravessa o mar de velocidades, indiferente às buzinas e freadas. vez ou outra, mãos projetam-se para fora das janelas dos bólidos urbanos, retiram um doce da caixa, deixando em troca uma moeda. saltitante, a menina entrega o resultado do negócio à mulher adulta, de verde olhar esmaecido, que a espera do outro lado da rua. no seu descuidado tempo infantil, a menina dos verdes olhos verdes retorna alegremente ao alegreverde saltitar, cumprindo, sem o saber, o seu tristeverde fado

## vizinha

chove. os pingos colam na poeira do vidro externo do elevador, formando um mapa imaginário da cidade entrevista, paisagem sobre a paisagem. a vizinha, o sol nos dentes, diz bom dia e a manhã e os verdes do jardim entram com ela no elevador e também dizem bom dia. ao contrário daqueles que são o contrário e apressam o passo para evitar dizer bom dia, diz bom dia e realmente se faz bom o dia. a vizinha sai para o trabalho, com o seu bom dia ensolarando o dia que amanheceu chuvoso

## as faxineiras do edifício

surpreendentemente

(não obstante os dez mil, quatrocentos e trinta e um degraus, os oito mil, trezentos e vinte metros quadrados de piso, as quatrocentas e quinze vidraças e as três toneladas de lixo à espera de varrição, transporte e limpeza) cantam...

## meu pai

da palavra escrita, tudo ignora. à semelhança de caeiro, acha que ler demais faz mal à saúde, em especial aos olhos. acredita apenas no que vê e vive, nas árvores, nos pássaros, na tv. elegeu algumas (poucas) verdades, imarcescíveis. também à maneira de caeiro, não acredita em metafísica (aliás, ignora solenemente o termo), mas vez ou outra, elege um menino jesus, que tanto pode ser o seu médico (compreende suas dores – sábio para todo o sempre) ou alguém que lhe diga apenas o que deseja ouvir. da memória auditiva de quase um século preservou frases imutáveis, válidas para todas as ocasiões (tantas vezes repetidas, até se tornarem verdades). não acredita em fantasmas muito menos que o homem chegou à lua. odeia políticos e política (o presidente é sempre o culpado por tudo). algumas (poucas) paixões: fotografar, conduzir seu automóvel, criar passarinhos, vangloriar-se de seus (ingênuos) feitos. não aceita que lhe falem da velhice (nenhum de seus poucos achaques, acredita, dela é decorrente). um homem frugal, de pensamento concreto (“o que nós vemos das cousas são as cousas”). o mundo se resume à sua ética particularista e particularíssima (o mundo – e o corpo – como vontade e determinação)

## amigos

a apropriação de belezas insuspeitadas pela devor(ação) consumista rejeita o industrializado. surpreendentes tochas de sucata compõem, com o luar, formas surrealistas, inundando o gramado e a imaginação dos hóspedes. elegantes e silenciosas orquídeas florescem à sombra de cuidados e delicadezas, reafirmação de belezas ancestrais. o cuidador as desenha e lhes dá nomes, anotações para a memória do olhar, fixando de forma definitiva sua efêmera existência. uma harmonia cósmica reina nas róseas acácias que desenham os vivos floridos caminhos do esconderijo de adriemari. o sol encomendado a santa clara em troca da oferenda de vestidinhos de papel é acréscimo quase místico à celebração de amizade

## bebês (poemeto *ready-made*)

grávida, no elevador do shopping:  
fiz um exame de ultra-som, em 3D, para saber o sexo do meu  
bebê. é menino, mas estou tão preocupada! acho que meu  
cachorrinho ficará com muito ciúme. estava tão contente só  
com ele, mas agora me apareceu esta gravidez...

da livraria

## espólio

efigênia maria, era este o nome cuidadosamente manuscrito, à maneira de ex-libris, nas páginas inaugurais dos volumes encapados com papel de presente colado com fita adesiva (gesto de ciúme e posse). relicários, os livros guardavam: cartas, recortes, postais, versos copiados, fotos (olhares aprisionados). efigênia maria amava a literatura e seus autores e deles colheu autógrafos (vinicius, bandeira, lygia - os preferidos?), troféus que não couberam em sua exígua mortalha

## becket

mulher, idade indefinida, vestida de trapos imundos, colares de pedras ordinárias, unhas enegrecidas pintadas de azul, postura de bailarina clássica e expressão de desdém, entra na livraria. desenvolta, retira um livro da prateleira e folheia-o demoradamente. uma certa arrogância no queixo erguido despreza os olhares curiosos. com delicadeza, deposita o livro em uma das mesas, vira-se, bate levemente no ombro de um dos frequentadores e sai sem dizer uma só palavra. becket teria gostado dela como personagem

## o crime

apressado, o estudante entra na livraria e pergunta se há algum exemplar do romance o crime do padre amaro, do velho e genial escritor português eça de queiroz. solicita, a vendedora retira da prateleira um exemplar e o oferece ao rapaz. visivelmente impaciente, examina o livro, folheia algumas páginas e, com ar de enfado, dispara: tenho que apresentar um trabalho na escola sobre este livro amanhã e não dará tempo de ler este calhamaço todo. você não saberia me dizer qual foi o crime cometido por esse tal de padre amaro? por medo, cala-se a vendedora. testemunha de acusação?

## restos mortais

ao telefone uma voz aflita: “você têm os restos mortais de fernando sabino?”. assustada, a vendedora fica sem saber o que dizer. segundos depois, já refeita e aliviada, percebeu que o pedido não se referia aos próprios restos mortais do escritor, mas a um livro de sua autoria, cujo título é justamente “os restos mortais”. na ânsia de ser breve e informal (rejeição a uma certa prolixidade da matriz?) o português tropical acaba por dizer o que não quer e nem sempre quer dizer o que diz. coisas da língua, última flor do lácio, inculta e áspera, apressada e surpreendente

## exílio

senhora, idade indefinida, pergunta o que há em estoque de william folkner. antes que a resposta venha, aproxima-se um pouco mais da vendedora e, em tom confessional: - “estou pedindo asilo político. acabo de fugir da academia onde estava matriculada, por indicação médica, para recuperar massa muscular. o sedentarismo, provocado pelas muitas horas e dias sem fim, perdida entre leituras, causou-me flacidez e fraqueza muscular. o impacto do ambiente, com aquelas estranhas máquinas de tortura, me deprimia. as paredes espelhadas, enaltecendo egos, mas denunciando vergonhas daqueles poucos desfavorecidos pela idade ou pela natureza, fizeram-me sentir turista em terra estranha. a certa altura, pedi à “personal” que baixasse um pouco o som da música eletrônica, sob pena de perecer ali, antes do término da minha primeira aula, mas ela, gentil, se recusou, alegando que é norma da casa. música lenta e em baixo volume é proibida ali. dá sono, e tira o “pique” dos freqüentadores. já em minhas últimas reservas, um grito verdadeiramente primal, vindo de um rapaz a comemorar o levantamento de seus alteres de quatrocentos e cinquenta quilos, foi o golpe fatal. saí em desabalada corrida, o que prova que não estou assim tão fora de forma. agora, só preciso de livros e de um café curto, na veia.”

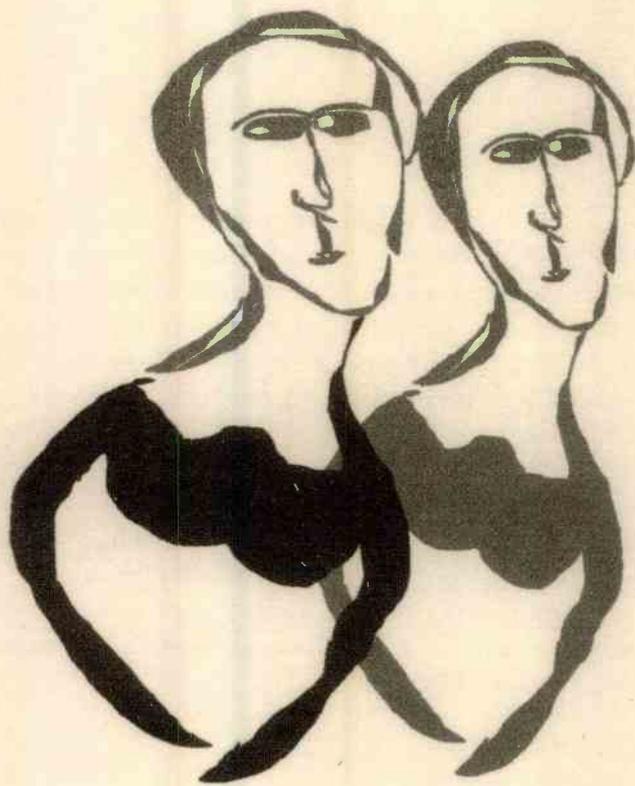
chopin, em pianíssimo, preenche os espaços deixados vazios pelos livros, enquanto a senhora, apaziguada com o universo, folheia o seu amado folkner e sorve o escuro, cálido e perfumado líquido

## bunker

uma tarde na livraria: o fotógrafo olha incansavelmente a cidade pela ótica da solidão dos seres que a habitam e preenche com poesia os vazios carentes de humanidade. o poeta inexperiente ufana-se dos toscos versos na internet e, antes que a sua aldeia o conheça e o julgue, disponibiliza-os para todo o planeta (a palavra ao deus-dará no mundo virtual, sem um filtro possível para as mal traçadas linhas que por ali circulam). a musicista conta que vai ser mãe e já pode ouvir um dó de peito do seu bebê. a poeta, provisoriamente exilada, recupera a poesia e autoriza sua publicação. o ancião conta sua vida no seringal e a descoberta tardia da arte. a psicóloga assume seu despudorado lirismo. calados leitores, fingem não ver-ouvir o alarido das idéias e confissões do bando e empenham-se na caça aos velhos espíritos da humanidade, envoltos nos ácaros das prateleiras do esquecimento. café e cerveja inflamam o bunker. lá fora, a vida segue (quase) normal

## caverna

um cliente de fortaleza pede, via remessa expressa, o livro trançado brasileiro (o sentido da arte é sempre duplo. urgência em destrançar esse trançado?). uma senhora da capital diz que vai ser hospitalizada e precisa de um livro de história do brasil, com urgência (trabalho em progresso que urge terminar diante da ameaça invisível da doença ou tentativa de compreender os sentidos do viver diante dos fatos?). uma vizinha da livraria pergunta sobre um livro de monet para o neto que precisa fazer um trabalho “para amanhã”. minutos depois, arfando, vem buscá-lo. a leitura como mera tarefa utilitária. neo-alices, assemelham-se todos, a correr atrás de um hipotético coelho, sempre com pressa, muita pressa... correremos o risco de retorno à caverna, acreditando na verdade das sombras entrevistas na velocidade cotidiana?



Espelhos

## Espelho provisório

*São os espelhos que me revelam:  
Sem eles eu talvez não soubesse de mim*  
Cecília Meireles

Minha imagem nas vitrinas da cidade  
(estrangeira, sempre)  
ausculto:  
os becos que dormitam  
os cruzamentos infernais  
os silêncios súbitos  
a luta surda  
a grita explícita  
por um lugar à fresca  
por um sonho de ribalta  
pelo simples sobreviver

Anoto:  
o que não está à frente  
o que não brilha  
o que não grita  
o que não é outdoor  
a camada abaixo da camada  
o que não é mais  
o que passa a ser  
palimpsesto revelador

Serei eu essa imagem trêmula  
nativa entre estrangeiros?  
Será minha esta opaca imagem  
que o lago turvo da falsa Praça  
não permite distinguir?

## Meu pai, no ocaso

Compulsivamente

fotografa

:

a flor

o jardim

o cão

a paisagem

a mobília

a casa

o carro

os filhos

os netos

ele mesmo

foto da foto

Aprisiona o olhar

(e admira-se)

ignorando a finitude

: frágil e derradeiro legado

## Hotel

Refúgio cápsula silêncio  
ar artificial  
(qual a temperatura lá fora?)  
casa não casa  
simulacro

A rotina da não rotina  
o ter o que não fazer  
casulo

Vida provisória  
beleza não escolhida  
imaterial existência

O ócio, o ócio  
a rotina do ócio

## 14° andar

Daqui  
a cidade, antevista  
sem língua alguma  
que a possa nomear  
(da janela  
anti-pulo  
anti-grito  
anti-ar)  
mero jogo de a(r)mar

## Um quadro de Hopper

Sem os ruídos da paisagem  
este seria um quarto  
de um hotel qualquer  
de uma cidade qualquer  
de um país qualquer  
do planeta

sem os sinais viventes da paisagem  
este seria um quadro de hopper  
não seria uma poema de dalila

## Vôo negado

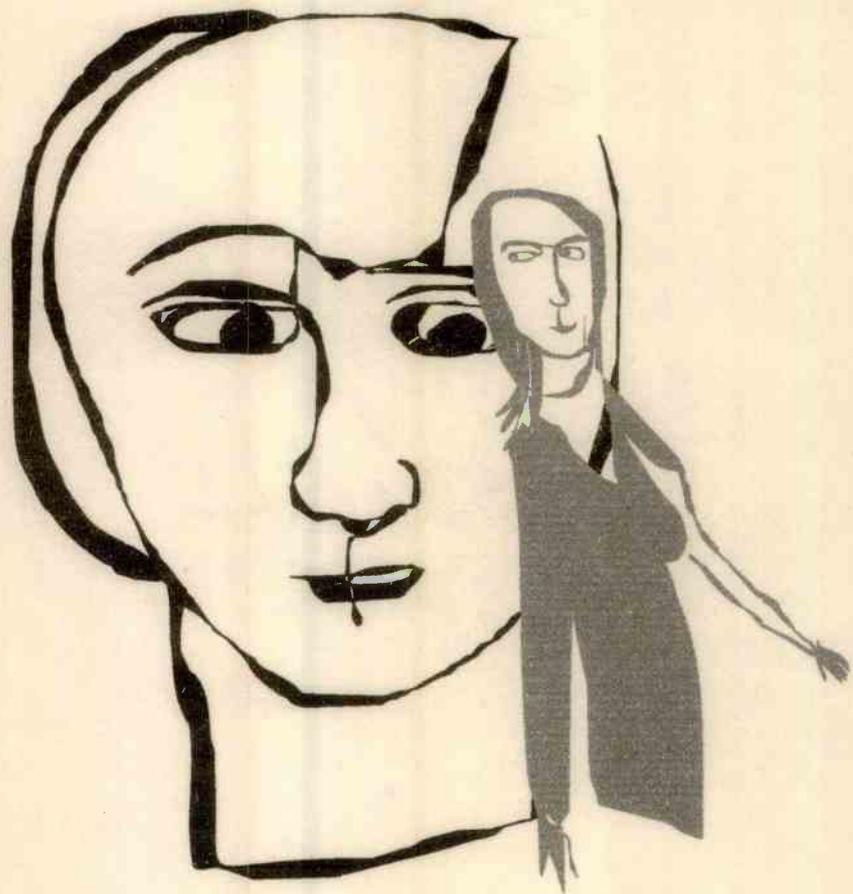
No caminho do calvário  
(cidade que recusa o vôo)  
o sacrifício antecipado  
:  
a pomba agonizante  
úlceras em brasa  
a contaminar o asfalto

## Retratos

Serei eu  
(naïf, pontilhada, acadêmica  
desenhada, caricaturada)  
alma roubada  
aprisionada em  
tão díspares celas?

sendo eu, já outra  
sendo outras, ainda sou  
serei eu?

Vestígijs



*à memória de minha mãe, Maria de Lourdes,  
que me iniciou nos caminhos da poesia*

A rotina da perda

## Terapia intensiva

A ceifeira ronda  
à volta das máquinas  
ao redor dos tubos  
no ar infectado de dor  
– sombra indesejável

A ciência brinca  
experimenta, põe e tira  
mórbido esconde-esconde  
fingida presença de Deus

Um corpo respira  
(a máquina opera o milagre)  
um corpo não mais senhor  
do gesto, do gosto, do querer  
corpo, cobaia, objeto  
à mercê do progresso

A ceifeira espera  
e sabe da hora  
A ciência não

## Rito de passagem

Que sabemos nós  
seres chorosos  
à beira da morte  
do outro?

Que sabemos nós  
seres medrosos  
à beira da vida  
à beira de nós mesmos?

Que sabemos nós  
da barca à espera  
da passagem  
do mistério?

– Nada

Por isso tememos

## Dever cumprido

Brinca de eternidade  
a jovem médica  
Bagagem abarrotada  
de ciência e tecnologia

Eletrodos ligados  
incisões perfeitas  
:  
o dever manda  
as mãos, firmes, obedecem  
(ignora o calafrio  
da morte pressentida)

Eis o prodígio  
:  
a vida devolvida  
mecânica (e eterna?)

## Desvio

O calor desafia o outono  
flores abrem-se tontas  
à luz enganosa de verão  
– natureza violada

Minha mãe agoniza  
(máquinas, balões, computadores,  
tubos, luvas, gases, batas, relógios,  
pomadas, seringas, fraldas, algodão  
:  
(ar)tificial saúde)  
– desvio de percurso

## A dor de ver em dor

*O rosto é o templo do corpo.  
E quando o corpo decai,  
a alma não tem outro santuário  
a não ser o rosto*  
Carlos Fuentes

No corpo enfermo  
inerte  
: olhos e dor  
únicos sinais

Nos olhos baços  
(instrumentos reveladores)  
: o sofrimento  
fundo  
imensurável  
solitário  
inaudito

Movidos pela dor  
os olhos fazem doer  
em outros olhos  
: dor apenas vista  
(compartilhada?)

Dor que se comunica em dor  
(a dor de ver em dor, dizem, é provisória  
– mas como dói, diria o poeta)

## Assepsia

*Tão triste que na própria morte  
não haverá maior tristeza.*

Dante Alighieri

corredores hospitalares  
: tristezas cruzadas  
solitários soluços  
(rotina incessante da perda)

corredores hospitalares  
: olhos evitam olhos  
apenas o silêncio cúmplice  
(o ar cortado às fatias)

corredores hospitalares  
: no branco asséptico  
a cor turva do sofrer  
(gélida paisagem)

## Similia similibus curentur

Repleta de pena e lágrimas  
(ungüentos inúteis)  
venho, desconsolada,  
consolar-te

Os semelhantes curam-se  
pelos semelhantes  
O sofrimento cessa  
com outro sofrimento  
(aposta desesperada)

## Solidões

*Los hombres vivimos juntos,  
pero cada uno se muere solo  
y la muerte es la suprema soledad.*

Miguel de Unamuno

Dizias-me

:

– não quero,  
mas qualquer dia  
terei que partir

Intuías

:

a proximidade  
a solidão da viagem  
a dispensa de acompanhante

Temias

:

do parto, sabias  
(contavas)  
da morte, mistério  
(calavas)

Parto e morte  
(solidões assemelhadas)

:

origem, ambos

Um corpo não mais

## Vestígios

*Mas de tudo fica um pouco*  
Carlos Drummond de Andrade

nas trovas esparramadas  
nas agendas telefônicas  
nos bilhetes apressados  
:  
a tua caligrafia

na memória das gavetas  
nas revistas por abrir  
no lugar vazio à mesa  
:  
imaterial presença

no casaco com teu cheiro  
no bombom abocanhado  
no xampu pela metade  
:  
vestígios do que foi vida  
irremediável ausência

## A morte e a morte

A morte  
não é a lembrança  
de um corpo não mais  
corpo  
de uma trajetória sonâmbula  
em direção ao sepulcro  
do barulho seco e indiferente  
da pá do pedreiro  
finalizando a função

A morte  
é a constatação  
(real, insuportavelmente real)  
:  
um nome e duas datas  
gravadas em metal  
na lápide silenciosa

## Memória

Em meu dedo  
o teu dedal

(tento, mãe  
costurar tua memória  
prender-te ao que me resta)

Incertos pontos  
que a vista embaçada  
não deixa urdir

## Das mortes

da primeira vez que te vi morrer  
, a lembrança do horror:  
teu corpo (ainda) morno e nu  
na pedra fria  
e  
a marca da dor  
num rosto que já não era o teu

da segunda vez que te vi morrer  
, o torpor das exéquias:  
pesadelo da tarde sem ar  
sensação de estrangulamento

da terceira vez que te vi morrer  
, o choque e o estranhamento:  
teu nome citado no templo  
na oração aos defuntos

da última vez que te vi morrer  
, a dor fina e lancinante:  
o descarte dos teus pertences  
a certeza do nunca mais  
nunca...  
(a morte também em mim)

Da alma em  
desalinho

## Saudade

A saudade

vê-se

:

uma dor física

projetada

nas frestas do armário

no retalho de tecido

do que foi a tua saia

no pé seco de manjeriço

na jardineira esquecida

(ausência de tuas mãos)

A saudade

aprende-se

:

no gesto cotidiano

no diuturno sentir

da alma em desalinho

## Desamparo

*toda a saudade é uma espécie de velhice*  
Guimarães Rosa

aniversario  
no aniversário de tua morte

(havia um clã  
e o teu comando  
– elo imperceptível  
a reunir e orientar –  
era conforto e presença  
certeza de juventude)

órfã, envelheci

## Dia de Finados I

O dia dois de novembro  
era apenas um feriado  
e sempre chovia  
Todos estavam vivos  
e jorravam primaveras  
nas águas da primavera  
(a juventude é imortal  
imune a intempéries)

Neste dia dois de novembro  
do ano dois mil e dois  
(não chove – rito e tradição rompidos)  
aprendo, pelo desespero da ausência  
o significado dos sinos  
e o imensurável peso do cinza  
(a maturidade é consciência da finitude  
susceptível a mudanças climáticas)

## Dia de Finados II

ofereço-te uma rosa  
(gostavas tanto delas...)  
orações seculares  
poemas enlutados  
e este pranto incontido  
à beira do teu jazigo

Inúteis heranças lusas  
que não lavam dores  
nem preenchem vazios

## Dúvida

Hoje

(160 dias de saudade)

abraçei teu casaco e senti teu cheiro  
(a velha sensação de chegada e abrigo  
de âncora jogada ao fundo)

Seria o teu cheiro ou a lembrança dele?

Seria o teu cheiro ou o desejo de senti-lo?

(o pranto aponta: a barca ao deus dará)

## Luto

Venho a Buenos Aires  
(para esquecer-te?)

Desfaço as malas  
ato-me em nós  
percorro, aflita  
ruas nostálgicas  
melancólicos cafés  
(para encontrar-me?)

Ninguém se aparta de si  
(nem em terra alheia)  
Ninguém é outro  
(ainda que fale uma língua provisória)

Viajar em luto  
é sentir-se (mais) estrangeira

## Desobriga

Antes  
muito antes  
odisséia juvenil  
ânsia de  
pertencer ao mundo  
sem DNA imposto  
nem relatório obrigado

No retorno a Ítaca  
cã e cansaço  
um desejo apenas  
– mãe, cheguei...

no silêncio insuportável  
tua poltrona vazia  
desobriga qualquer relato

## Legado

Depois que te foste  
vejo-me em ti  
(gestos  
gostos  
passos)  
Repasse genético  
atavismo a cumprir-se

## Antecipação

Antes que os ritos do advento  
invoquem este natal  
antes que as sementes dos jarros  
germinem  
e o verde adorne o presépio

Antes que o cheiro de amêndoas  
e o encarnado dos tecidos  
povoem  
o mês de festa vindouro  
de dolorosas lembranças

Antes que o vazio  
apague  
as chamas das velas  
(descolorido jantar)  
e cubra a festa de fumo

Cuidarei de arrancar este dezembro  
do meu calendário pessoal  
colocarei trancas nas portas  
(casa fechada aos reis)  
e anteciparei o entrudo  
:  
tempo de quaresma e paixão  
(a Páscoa como perspectiva)



# Solilóquios

*Para Valdecirio, colecionador de silêncios*

*Reconheçamos que costuma ser escassa nossa aptidão  
para suportar o silêncio proposto  
pelo poema – o silêncio gerado pelo real incógnito.*  
Santiago Kovadloff

## Palavra e mistério

*Só uso a palavra para compor meus silêncios*  
Manoel de Barros

(

)

Além do mais  
sabe-se  
os mistérios residem  
tão-somente  
nas coisas inauditas

## O colecionador

Cultivava silêncios  
breves semibreves longos  
(guardava-se?)

## Solilóquios

De tanto ficar consigo  
dispensou as palavras

Bastavam-lhe os gestos  
(batuta invisível)  
a orquestrar o silêncio

## No jardim

Na densa tarde  
de quietude mais  
os amados silenciam

Suspeitam  
da impossibilidade de um bis  
(jamais alguém se banha na mesma luz)

Um pássaro descuidado  
passa e canta  
a dizer que viu

## Madrugada

Brusco  
um automóvel  
freia, o silêncio  
volta, o sono não

A noite outra noite

## O silêncio dos espelhos

*(lembrando Borges)*

Nus e silêncios  
coabitam meus espelhos

(mergulho  
e  
espanto)

abismos refletidos  
nova e (irre)conhecida  
história

## Do amor e seus silêncios

No destempero e ardências  
da fúria inaugural  
a palavra sem proveito  
(verbalização de corpos)

No rito já maturado  
do caminho reconhecido  
a muda comunhão  
(frêmito de carne e espírito)

Urgências mitigadas  
os silêncios primordiais  
já agora interpretáveis  
(epifania outonal)

## Ausência

Nesta manhã  
onde nem sequer  
um grito  
o silêncio deixado  
por outro silêncio  
é silêncio  
ainda mais

O dia à frente  
:  
intransponível

## No sebo

Baço e poeirento  
o silêncio habita  
as salas foscas por  
onde passeiam traças com  
seus olhos de gula e  
desejos de posse  
à caça do brilho oculto  
da pepita encadernada

No campo sagrado, os pares  
ignoram-se (cúmplices/rivais)  
tácito acordo  
cada um por si e ninguém  
por ninguém

Enfim, o achado  
(dissimulando a gagueira)  
entre dentes, negociado

## No museu

*O encordoamento da memória só pode ser retesado  
onde haja silêncio*

George Steiner

Para ver  
calar  
(ocultos sentidos  
a preencher sobressaltos)

Para ouvir  
calar  
(perturbadoras vozes  
coladas às telas  
- ruídos da memória)

Para guardar  
calar  
(outra beleza  
ainda não catalogada)

## Neogênese interior

*O silêncio é. Ele significa*  
Eni Puccinelli Orlandi

No princípio era  
o verbo indomável  
idéias sem lei  
(ilusão de saber  
no não-saber)

Fez-se o silêncio  
tardio, imperioso  
única saída  
(reverência  
ecos primordiais)

E houve luz  
e o universo se reorganizou  
(*anima* em regozijo)

## Pergunta indecisa à minha mãe

Haverá

,

para além deste  
silêncio

,

para além desta  
morada fria, ornada  
de flores de plástico

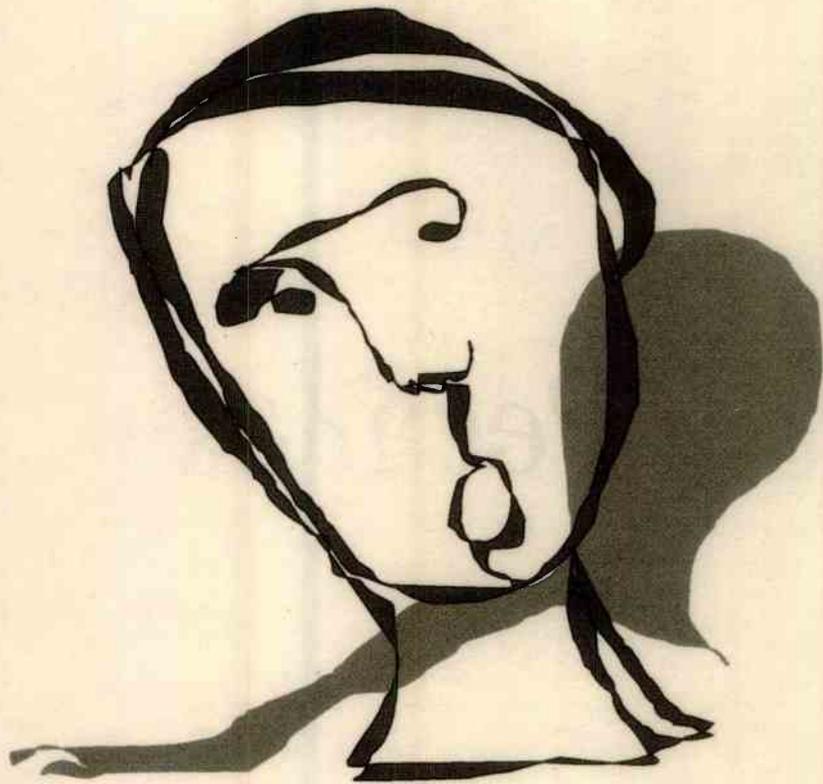
,

...

?

Haverá?

# Pecados



# Inveja

## Da insaciável cobiça

*Gloriae et virtutis invidia est comes*  
provérbio latino

Cobiço  
qualquer coisa  
desde que te prive  
desde que te despoje

Meus olhos na tua alegria  
roubam-te o riso  
saqueiam teu saber  
e tudo que não tenho

Nem a mim serve  
este desejo só desejo  
basta-me que nada seja teu  
(a felicidade apenas no alheio)

# Prequiza

## Adiamento

*Ai, que preguiça...*  
Mário de Andrade

Outro dia  
um melhor dia  
(a lua mais intensa  
os astros em conjunção)  
para as novas vontades  
para o enterro dos mortos  
o encontro com o diabo

Tanta maçada...

Esperarei  
um novo dia  
(de maior gana  
de muito querer)  
a vida pode esperar

Luxúria

## Pensamentos luxuriosos

*Ver-te. Tocar-te. Que fulgor de máscaras.*

Hilda Hilst

Pensava nele  
quando a seda do vestido  
tocou-lhe as coxas  
erichando-lhe os pêlos  
(asas a roçar o espírito  
tocha a incendiar a carne)

Pensava nele

quando a voz de Maria Callas  
alcançou a nota mais aguda  
- L'atra notte in fondo al mare -  
invocando Mefistofele  
(setas fállicas a zumbir junto aos ouvidos  
aromas de sândalo a embebedar os sentidos)

De tanto nele pensar  
devorou a si própria  
L u x u r i o s a m e n t e  
(espírito só carne)

Gula

## Apetites

*Dize-me o que comes e dir-te-ei  
as manhas que tens”  
Ramalho Ortigão*

Pantagruélicas porções  
fios d’ovos e feijões  
caviar e ovo frito

tudo serve

desde que o estômago encha

Avateza

## Miséria cultivada

*Que é a avareza? Viver sempre  
na pobreza pelo receio da pobreza*  
São Bernardo

Fome com fome mitigada  
fome a esperar outra fome  
fome armazenada  
fome como fonte  
riqueza jamais saboreada

Ira

## Dias de ira

*Ira furor brevis est*  
Horácio

No furor mais insano  
dos ardores intensos  
a marca da traição  
: revoltos sentidos

Nos braços da ira  
a lava das palavras  
tata impérios  
: inesperada queimadura

(por fim)

Compaixão e unguentos  
compressas frias  
gestos de paz  
: ardências já cinzas

Soberba

## Vanglória

*Après moi le déluge*  
Luis XV

O mundo incompleto  
o planeta em desalinho  
sem mim

Tanto fastio...  
todo esse rebanho  
(presa cativa)  
pela sedução enlouquecido  
debaixo dos meus coturnos

Olho no olho jamais...

Comigo  
por artes do exotismo  
a lenda se faz verdade  
(mito alimentado a pão)





# Obras Publicadas

## Poesia

*Lições de Tempo*. SP: Pannartz, 1982 (2ª ed., 1983).

*Inventário Precoce*. SP: Pannartz, 1983.

*Madeira: do Vinho à Saudade*. Col. Cadernos Ilha. Funchal, Portugal: José António Gonçalves editor, 1989 (2ª ed., facsimile, SP: Alpharrabio Edições, 1997).

*Elemento em Fúria*. Teresina, PI: Academia Piauiense de Letras, 1989.

*Forasteiros Registros Nordestinos* (plaquete). SP: Livrespaço, 1991.

*Poética das Circunstâncias* (plaquete). SP: Alpharrabio Edições, 1996.

*A Palavraparte*. SP: Alpharrabio Edições, 1996.

*À Janela dos Dias – poesia quase toda*. SP: Alpharrabio Edições, 2002.

*Vestígios*, plaquete, edição fora do comércio, 200 exemplares numerados e rubricados pela autora. SP: Alpharrabio Edições, 2003;

*Solilóquios*, plaquete, 200 exemplares numerados e rubricados pela autora, Alpharrabio Edições, 2005

*Poesia do Intervalo*, poemas, com desenhos de Guedo Gallet, livro de arte, 200 exemplares, numerados e rubricados pelos autores. SP: Alpharrabio Edições, 2005.

*Pecados*, publicado por ocasião da comemoração dos 60 anos da autora, numa caixa artística, contendo 7 poemas, cada um deles ilustrados em pranchas individuais pelos artistas André Miranda, Constança Lucas, Guedo Gallet, Mariano Amaral Neto, Perkins T. Moreira, Ricardo Amadasi e Sian. 200 exemplares, fora do comércio, numerados e rubricados pela autora. SP: Alpharrabio Edições, 2006;

## Prosa

*A Vida Crônica* (crônicas). SP: Alpharrabio Edições, 1999.

*As Artes do Ofício - um olhar sobre o ABC* (crônicas). SP: Alpharrabio Edições, 2000. (ambos são compostos de uma seleção de crônicas publicadas regularmente na imprensa entre os anos 1995 e 2000).

*Minudências* (diário). SP: Alpharrabio Edições, 2000.

## Outros

“*Os Direitos Humanos nas esculturas de Ricardo Amadasi*”, Catálogo da Exposição realizada no Saguão do Teatro Municipal de Santo André, SP, 1999. Participação com 12 poemas que dialogam com as esculturas e condução de uma entrevista com o artista Ricardo Amadasi.

*Alpharrabio 12 anos – uma história em curso*, com Luzia Maninha Teles Veras. Obra sobre a trajetória dos primeiros 12 anos da Livraria Alpharrabio, contendo 550 verbetes de atividades culturais nesse período, além de transcrição de palestras e workshops. SP: Alpharrabio Edições, 2004.

*Releituras*, CD homenagem de amigos por ocasião do recebimento do título de Cidadã Honorária de Santo André, 2004. Canções sobre poemas da autora, gravadas pelos compositores Wagner Calmon, Pierina Ballarini, Nilce Libera Casella e leitura de poemas pelo ator Milton Andrade.

*Anotações de Leituras* (mini-livro de textos curtos sobre livros e literatura), fora do comércio, 300 exemplares, comemorativo ao 14º aniversário da Alpharrabio Livraria, 2006.

## **Participação em coletâneas (as principais)**

### **No Brasil**

- Coletânea Livrespaço II*. SP: Ed. Livrespaço, 1984.
- Literatuando* - Coletânea Livrespaço III. SP: Ed. Livrespaço, 1985.
- Subvertida Palavra* - Coletânea Livrespaço IV. SP: Ed. Livrespaço, 1998.
- Sete Versus Sete* (E se resolvermos falar de amor...) - Coletânea Livrespaço V. SP: Ed. Livrespaço, 1990.
- Antologia da Nova Poesia Brasileira*. Organização Olga Savary. RJ: Editora Hipocampo / Fundação Rio / Rioarte, 1992.
- Nosso Século XXI* – Especialistas de diferentes atividades analisam o Grande ABC de ontem, de hoje e de amanhã. SP: Ed. Livre Mercado, 2001.
- Poetas Revisitam Pessoa*, organização João Alves das Neves, SP: Universitária Editora, para o Centro de Estudos Americanos Fernando Pessoa. 2003;
- Paixão Por São Paulo*, organizada por Luiz Carlos Guedes. SP: Editora Terceiro Nome, 2004.
- Relicário Latino*, organizado por José Alberto Pinho Neves, reunindo a produção poética feminina da Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai - Rede Mercocidades – Unidade Temática de Cultura, Juiz de Fora, MG: Funalfa Edições, 2004.

### **No exterior**

- 15 Poetas Brasileños Contemporaneos*, Edição Grupo Literário Guadiana. Ciudad Real, Espanha, 1987 (org. e trad. Oswaldo Ventura de la Fuente).
- O Natal na Voz dos Poetas Madeirenses*. Associação de Escritores da Madeira e Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração, Portugal, 1989.
- “Diez Poetas Brasileños”, *Revista Bohemia*, Havana, Cuba, março de 1990 (trad. Felix Contreras).
- Poet'Art 90* - Antologia de Poetas Madeirenses. Associação

- de Escritores da Madeira e Imprensa Regional da Madeira, Portugal, agosto de 1990.
- Verso L'Universo: Geometria Della Donna*. Perugia, Itália, 1993 (organização e tradução Vera Lucia de Oliveira).
- Brasil 2000 - Antologia de poesia contemporânea brasileira*. Portugal, Ed. Alma Azul, com apoio do Ministério da Cultura e Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 2000 (organização Álvaro Alves de Faria).
- A Jeito de Homenagem a Eugénio de Andrade*, organização Joaquim de Montezuma de Carvalho, apresentação Arnaldo Saraiva, Fólio Edições – O Primeiro de Janeiro das Artes das Letras, Porto, Portugal, 2004.

### **Verbetes**

- Dicionário de Poetas Contemporâneos*, Francisco Igreja (org.). RJ: Oficina Letras & Artes, 1988 (2ª ed., RJ: Oficina Cadernos de Poesia, 1991).
- Ensaístas Brasileiras - Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*, Heloísa Buarque de Holanda e Lúcia Nascimento Araújo (org.). RJ: Ed. Rocco, 1993.
- Dicionário de Mulheres*, Hilda Agnes Hübner Flores. RS: Ed. Nova Dimensão, 1999.
- Enciclopédia de Literatura Brasileira*, Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa. 2ª ed. sob coord. de Graça Coutinho e Rita Moutinho. SP/RJ: Global Editora, Ministério da Cultura e Fundação Biblioteca Nacional, 2001.
- Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, Nelly Novaes Coelho. SP: Editora Escrituras, 2002.
- História da Literatura em Santo André - um ensaio através do tempo*, Tarso M. de Melo. Fundo de Cultura do Município de Santo André, SP, 2000.

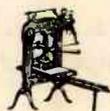
## Nota Editorial

Todos os textos deste volume são posteriores *À janela dos dias*, livro publicado em 2002 que reúne os títulos anteriores da autora, na área de poesia.

*Retratos falhados* reúne três plaquetes (*Vestígios*, 2003; *Solilóquios*, 2005; e *Pecados*, 2006) publicadas pela Alpharrabio Edições (Santo André, SP), todas fora do comércio e em pequenas tiragens de 200 exemplares cada, hoje totalmente esgotadas. A elas junta-se um conjunto inédito de poemas em prosa, que dá título ao livro, e uma seleção de poemas, publicados esparsamente em jornais e revistas, denominada Espelhos.

Na escolha dos poemas, a autora teve a preocupação de estabelecer um conjunto de textos que, mesmo escritos em momentos diferentes, com eventuais dissonâncias, pudessem travar um diálogo entre si, formando uma peça que represente boa parte da sua produção poética nos últimos seis anos.

*Retratos falhados* traz desenhos da artista portuguesa Constança Lucas (Coimbra, 1960), há várias décadas residente no Brasil, em São Paulo, onde desenvolve o seu trabalho como artista visual.



Impresso em outubro de 2008, em papel pólen 80g/m<sup>2</sup>  
nas oficinas da Bartira Gráfica.  
Composto em Gill Sans, corpo 11 pt.

Não encontrado este título nas livrarias,  
solicite-o diretamente à editora.

**Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda.**  
Rua Maestro Callia, 123 - Vila Mariana - 04012-100 São Paulo, SP  
Telefax: (11) 5904-4499 - [www.escrituras.com.br](http://www.escrituras.com.br)  
[escrituras@escrituras.com.br](mailto:escrituras@escrituras.com.br)  
[vendas@escrituras.com.br](mailto:vendas@escrituras.com.br)  
[arte@escrituras.com.br](mailto:arte@escrituras.com.br)